



**Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de visita à sede provisória da Unidade Acadêmica de
Garanhuns da Universidade Federal Rural de Pernambuco**

Garanhuns - Pernambuco, 03 de agosto de 2005

Meus queridos companheiros e companheiras do estado de Pernambuco, de Garanhuns, de Caetés e cidades vizinhas,

Meu querido companheiro Jarbas Vasconcelos, governador do estado de Pernambuco,

Meu querido companheiro Ronaldo Lessa, governador do estado de Alagoas,

Meu querido Fernando Haddad, que está apenas há cinco dias como ministro da Educação do nosso país,

Meu querido Sérgio Rezende, pernambucano de primeira hora, ministro da Ciência e Tecnologia,

Meu querido companheiro Miguel Rossetto, ministro do Desenvolvimento Agrário,

Deputados federais Eduardo Campos, Fernando Ferro, João Grandão, tinha um deputado estadual aqui, que não me deram o nome, o Isaías Régis, que é daqui da região,

Meu companheiro João Paulo, prefeito de Recife,

Meu companheiro Humberto Costa, ex-ministro da Saúde,

Demais secretários aqui presentes, estudantes, futuros estudantes, educadores, funcionários e futuros funcionários,

Meu caro, eu vou até dizer, eu gosto de dizer esta palavra, meu caro Valmar Corrêa de Andrade, magnífico reitor da Universidade Federal Rural de



Pernambuco,

Meu caro Luiz Carlos de Oliveira, prefeito de Garanhuns,

Dom Irineu, bispo de Garanhuns,

Meu caro Gilson Gonçalves da Silva, vice-reitor da Universidade Federal de Pernambuco,

E o nosso querido Herton César Pontes, futuro aluno da unidade acadêmica de Garanhuns,

Meus amigos, minhas amigas

O discurso é pequeno, mas é o necessário. A expansão do ensino superior promovida por nosso governo busca, em primeiro lugar, atender as necessidades do desenvolvimento regional sustentável.

No nosso governo já criamos três universidades federais, e o projeto de expansão prevê a instalação de 32 novos campus das atuais instituições, alguns já instalados.

O pólo universitário de Garanhuns aumentará a oferta de educação superior e ajudará no desenvolvimento dos 39 municípios sob a influência de Garanhuns, no agreste pernambucano, região com mais de um milhão de habitantes.

Esse pólo é o resultado do consórcio das universidades Federal de Pernambuco e Federal Rural de Pernambuco. Os cursos de licenciatura suprirão as necessidades da rede pública de educação básica por professores qualificados, e os cursos da área de ciências agrárias capacitarão a mão-de-obra que atende à vocação natural da região, a pecuária leiteira, que exerce um papel predominante na economia do agreste meridional.

Além disso, a implantação do pólo universitário de Garanhuns irá reduzir, consideravelmente, o processo migratório de jovens em busca de conhecimento e formação profissional em outras regiões de Pernambuco e do país.



A presença da Universidade Federal Rural de Pernambuco, que já está aqui há 25 anos, crescerá, e muito, na região, com a construção desse pólo justamente no local de uma de suas extensões, a Clínica de Bovinos. A área atual tem sete hectares e será ampliada com mais 34 hectares doados pelo governador Jarbas Vasconcelos.

Serão implantados dois centros universitários, o de Educação e o de Ciências Agrárias, ambos com cursos diurnos e noturnos, atendendo cerca de 2.500 estudantes, quando da instalação completa do pólo que começa a construção, agora, em setembro.

O primeiro centro irá oferecer o curso de licenciatura, como Pedagogia, Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Matemática, Ciências Humanas e Sociais e da Natureza. Já o Centro de Ciências Agrárias terá o curso de Agronomia, Medicina, Veterinária e Zootecnia, para ser... Aqui é uma novidade, que foi conquistada no avião, vindo para cá, numa conversa entre o ministro Fernando Haddad, eu, o ministro Rossetto e o nosso Sérgio Rezende, o discurso não tinha isso aqui, aí o Sérgio Rezende falou: “espera aí, mas vamos fazer a coisa mais completa”. Então, está escrito aqui, presta atenção, o que foi uma conquista de um homem de Garanhuns, no avião, falando com o ministro da Ciência e da Tecnologia e o ministro da Educação, essa é a conquista mais fresca, fresquinha. Dizia o companheiro Sérgio, nosso ministro da Ciência e Tecnologia: “para ser uma universidade é preciso fazer pesquisas científica e tecnológica, por isso o Ministério da Ciência e Tecnologia também apóia o projeto em conjunto com o MEC, com recursos no valor de 3 milhões para os laboratórios de pesquisas”. As aulas estão previstas para começar em setembro e elas serão ministradas, provisoriamente, na sede do Colégio XV de Novembro, até que o prédio do pólo tenha sido totalmente construído, o que deve acontecer até o final do primeiro semestre do ano que vem. O investimento do projeto chegará a 8 milhões de reais, se precisar mais, é só chorar um pouquinho que vai conquistar.



Deixa eu dizer uma coisa para vocês, que é uma coisa que eu sinto e que não está escrito. Não existe, na história da humanidade, nenhum povo que conseguiu se desenvolver, que conseguiu sair da pobreza, da miséria, sem que antes tivesse investido na educação. O governador Jarbas vai à Coréia do Sul, agora, discutir investimentos para Pernambuco e, certamente, ele vai ver o que vi lá há pouco mais de um mês. O que aquele país fez em 15 anos de investimento em educação é algo que deveria servir de exemplo para o mundo inteiro. Ora, por quê? Porque na hora em que você investe em educação, você investe em conhecimento, e o conhecimento é o produto de maior valor agregado em qualquer lugar do mundo e em qualquer momento da história do mundo, nada custa mais caro do que o conhecimento. Entretanto, no Brasil, nós vivemos uma deficiência enorme, porque historicamente a elite brasileira que governou o país, a elite política, sobretudo, ela sempre pensou em governar o Brasil para aqueles que já tinham o acesso às coisas, aqueles que já estavam no mercado, aqueles cujas famílias poderiam pagar alguma coisa, a parte pobre da população foi crescendo e foi ficando marginalizada, ela foi ficando esquecida, até o ponto do governante pensar: “bem, para que me interessar por pobres? Então, deixa fazer apenas as coisas...” É por isso que desde 90 até agora, só foi criada uma universidade no Brasil, a de Tocantins, na cidade de Palmas. Ora, porque, quando eu dizia em 89 que era preciso um metalúrgico para resolver o problema da educação no Brasil, alguns vendiam isso como prepotência, mas é que eu tinha primeiro sentido a dificuldade de não ter podido fazer universidade, porque eu tinha que trabalhar, tinha que pagar aluguel e tinha mãe e duas irmãs para cuidar; eu não podia prescindir de um centavo meu para pagar escola porque tinha que trabalhar e ainda fazer duas horas extras por dia. Segundo, porque eu tive que pagar a universidade para os meus filhos, são cinco, um está fazendo agora, ou melhor, tem dois agora e três já fizeram. Então, eu sei quanto custa para uma família pobre.

Ora, se eu conhecendo esse problema e sentindo na pele, porque não



pude estudar e pela dificuldade de pagar, eu tinha a obrigação política, moral, ética e até humanitária de compreender que era preciso, de uma vez por todas, fazer com que os ministros deste país e do meu governo e as autoridades do Brasil deixem de tratar o dinheiro colocado na educação como gasto. Ele tem que ser visto como o mais importante investimento feito por um governo ou por um país. Porque na hora em que a gente trata, “eu vou gastar com educação, eu vou gastar com pobre”, aí não tem dinheiro nunca.

Então, nós tomamos a decisão de preparar o Brasil para as próximas décadas. Eu sei que não é possível fazer tudo em um curto espaço de tempo, mas vejam a questão do ProUni. Quando o ministro Tarso me trouxe a proposta do ProUni, que foi uma proposta apresentada pelo Fernando Haddad quando era chefe de gabinete do ministro Tarso Genro, ele tinha apresentado já em 2003, e que a gente começou a trabalhar a possibilidade de, através do ProUni, colocar milhares de jovens na escola, sempre tem aqueles que são contra. “Ah! Não dá para fazer isso porque isso é ajudar a universidade privada, isso é ajudar não sei quem.” E eu dizia: Meu (inaudível), pelo amor de Deus! Ora, se eu gasto dinheiro com a universidade pública para que as famílias mais abastadas possam colocar seus filhos na universidade pública, por que é que eu não posso pagar para um pobre estudar?

Então, o que é que nós fizemos? A idéia é simples. Nós fizemos um acordo com as universidades particulares, isentando-as de alguns impostos e essa quantia de impostos nós traduzimos em vagas nas universidades. No primeiro ano, este é um dado importante, governador Jarbas e governador Ronaldo Lessa, é que no primeiro ano, historicamente, as universidades brasileiras, as federais, renovavam 124 mil alunos por ano. Cento e vinte e quatro mil alunos por ano entravam nas universidades federais, os novos alunos. No primeiro ano do ProUni qual foi o sucesso? Colocamos na universidade 112 mil novos alunos, a maioria da periferia das grandes cidades e, a maioria das escolas públicas. Se Deus quiser, em quatro anos chegaremos



a 400 mil jovens no ProUni. E, se Deus quiser, com as universidades federais que estamos criando e com as extensões... Por que nós resolvemos fazer extensão? Porque não tem que fazer projeto de lei para passar no Congresso Nacional. Então, vão ser é extensão. Das federais de Recife já está vindo para Garanhuns, está indo para Caruaru, e já tem no baixo São Francisco. Lá em Petrolina, está aqui o nosso prefeito Fernando Bezerra, que está cooptando o meu ministro, que ia para o Piauí comigo e vai com ele para Petrolina para fazer a festa da universidade lá no Vale do São Francisco.

Veja, levamos uma universidade, começou um curso este ano na Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro. Estamos levando uma extensão para a cidade de Teófilo Otoni, que é uma das regiões mais pobres do país, lá em Minas Gerais. Estamos levando uma para Arapiraca, no estado de Alagoas. Estamos tirando um braço, na verdade, da inteligência que está concentrada nas capitais do país para levar para o interior. Imaginem vocês o que significa, para essa região, quando essa universidade estiver pronta aqui, com 2.500 alunos, com cientistas, com professores, com funcionários, com pesquisadores. Imaginem o que vai gerar de desenvolvimento nesta região, imaginem o que vai ajudar no desenvolvimento. Aí vai começar a ter empresa que vai querer vir para esta região. “Por que é que nós vamos para a região do agreste? Nós vamos porque lá tem conhecimento.” E aí nós vamos desenvolver esta região.

Então é isso que nós estamos tentando fazer no Brasil. E, além disso, nós, até 2006, vamos criar 32 escolas técnicas, que há muitos anos não são construídas. E, além disso, meus companheiros, disse bem o nosso Reitor, nós estamos no Congresso Nacional com o projeto do Fundeb. O Fundeb significa a maior revolução da educação neste país, porque vai cuidar do ensino infantil até a universidade e porque pode colocar nas escolas mais 17 milhões de jovens.

Para isso, nós estamos, durante os próximos 4 anos, colocando 1 bilhão a mais no Ministério da Educação, para que no final de 4 anos a gente tenha 4



bilhões a mais, definitivamente. E, aí, nós vamos concretizar um sonho. Quem sabe daqui a 10 anos ou 15 anos – que para a vida da gente é muito tempo, mas para a vida da Nação não é nada –, a gente tenha uma Nação muito mais competitiva, a gente tenha uma Nação com um povo melhor formado, mais profissionalizado. E, aí, a gente não vai ficar achando que produto americano é melhor do que o nosso, que produto japonês é melhor do que o nosso. Aí a gente vai mostrar para ele que a criatividade brasileira e, dentro da criatividade brasileira, a criatividade nordestina, e a inteligência não devem para ninguém em nenhum país do mundo.

Vejam uma coisa: em 2004, no começo, eu fui participar de uma reunião com meia dúzia de alunos, a maioria do Ceará, de Pernambuco e do Piauí – tinha só um de São Paulo – que tinham participado da Olimpíada da Matemática. E eu achei uma coisa bonita, meninas de 17 anos que tinham ganho medalhas numa Olimpíada Mundial de Matemática, meninas que tinham ganho medalha. Eu fiquei orgulhoso de ver um menino de 16 anos fazendo pós-graduação em matemática. Foi até o Eduardo que me levou, o companheiro, lá, os meninos.

Pois bem, aí estava o Tarso Genro, o Eduardo e eu, e eu perguntei: por que a gente não faz uma Olimpíada da escola pública, de matemática? “Ah, vamos fazer, vamos fazer”. E começamos: “Ah, mas será que as crianças vão gostar? Será que vão se matricular?”. Pasmem, pasmem meus companheiros: abrimos a matrícula. Sabe quantas crianças da escola pública se inscreveram para participar das Olimpíadas? Doze milhões de crianças se inscreveram para participar. É a maior concentração de alunos do mundo. Mais do que os Estados Unidos, que têm, quanto? Quatro ou cinco milhões. Seis milhões. Numa demonstração de que o povo não quer muita coisa, não. O que o povo precisa, na verdade, é perceber que o governante está olhando para ele e que o governante vai dar oportunidade para que ele possa participar e fazer as coisas.



É isso que nós estamos fazendo aqui. É dizendo ao povo nordestino: eu passei muitos anos para vencer os preconceitos contra os nordestinos, muitos. Vocês não sabem o que é ser vítima de preconceito por esse mundo afora, por ser nordestino. Se for nordestino rico, não tem. Mas se for nordestino pobre... e se for nordestino pobre e negro está desgraçado. É, o preconceito é uma doença.

Pois bem, eu sonho em criar as possibilidades para que o Nordeste brasileiro tenha as mesmas condições que os melhores lugares deste país. Afinal de contas, quem foi que disse que nós nascemos para ser pobres? Quem foi que disse que nós nascemos para ser sofridos? Acontece que os governantes sempre olhavam para a região Sul do país, sempre olhavam para a região Sudeste do país e não olhavam para o Brasil de 8 milhões e meio de quilômetros quadrados. O Brasil é o Sul, é importante; é o Sudeste, é importante. Mas o Brasil é o Nordeste, é o Centro-Oeste e é o Norte deste país. Então, nós temos que olhar o Brasil como um todo. É por isso que nós temos que pensar no Brasil globalmente, depois regionalmente e, depois, setorialmente, para que a gente tenha a totalidade das necessidades desse povo.

É por isso, meus caros governadores Jarbas, Lessa, ministros, e meus queridos professores, estudantes, futuros estudantes, futuros professores e funcionários, que eu saio da minha Garanhuns com a alma lavada de alegria. E, ainda mais, o deputado Isaías estava ali, conversando comigo, conversa vai, conversa vem, porque é um deputado novo mas é “bom de bico”, ali, porque estava só ali: “Eu sou novo, eu sou novo no pedaço e tal, não sei das quantas, mas olha, Presidente, é preciso prometer, aqui, ou pelo menos afirmar para o povo, aqui em Garanhuns nós precisamos de um curso de enfermagem, porque a gente quer ter enfermagem”.

Obviamente, Isaías, que eu não posso dizer para você: vou fazer, porque seria uma coisa falsa. O que eu vou dizer para você, na frente dos



nossos alunos, dos nossos professores, dos nossos funcionários e do povo de Garanhuns, de governadores e ministros, é que você sabe que o Fernando Haddad vai tratar isso com muito carinho e, se for possível, Garanhuns terá um curso de enfermagem aqui, também.

Gente, muito obrigado. Que Deus abençoe vocês e até outro dia, se Deus quiser.